

## CARTA DE PIERRE LAFFITTE A BENJAMIN CONSTANT SOBRE A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL

Ao divulgar, em sua preciosa **História do Positivismo no Brasil**, a carta de Pierre Laffitte a Benjamin Constant, o saudoso ensaísta e historiador Ivan Lins (1904-1975) fê-la preceder das seguintes palavras: "Havia diretrizes e correntes nitidamente diferenciadas no Positivismo brasileiro. De Miguel Lemos e Teixeira Mendes e de sua interpretação e maneira de aplicar o ensino em Comte se afastará Benjamin Constant desde 1882, mantendo-se fiel à diretriz do chefe do Positivismo ortodoxo em França — Pierre Laffitte, que, além de Benjamin, continuou a contar no Brasil muitos aderentes, os quais, distanciados do Apostolado, faziam sérias restrições à orientação de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Pierre Laffitte influenciou decisivamente sobre Benjamin Constant no sentido de ser afastada de nossa República, a **ditadura republicana**". Cremos suficiente para justificar a inclusão neste fascículo da preciosa carta do mestre francês. Respondendo a Laffitte, escrevia Benjamin Constant: "Tenho me esforçado em conformar minha conduta, privada e pública, com os ensinamentos do fundador da Religião da Humanidade, levando em conta, porém, as condições particulares de nosso meio". (Grifo nosso).

\*

Paris, 19 de Arquimedes 102 (26 de março de 1890)

Com grande alegria acolheram os positivistas franceses a proclamação da República no Brasil e o testemunharam de diversas formas. Especialmente, no último número da "Revista Ocidental", resaltei a legitimidade desse importante movimento. Fiquei, ao mesmo tempo, satisfeito em assinalar em vós, entre os membros do novo governo, um homem que há muito tem afirmado suas convicções positivistas. Todos os jornais franceses, aliás, indicaram que a influência de nossa doutrina não era estranha a esse grande acontecimento.

Mas, é exatamente esta solidariedade, sobre a qual se insiste, que me permitirá, espero, sem descabida indiscreção, apresentar-vos, a esse propósito, algumas considerações.

O dr. Urbano Marcondes, que defende em Paris a causa da República brasileira com tanta atividade e firmeza quanto prudência, teve

e gentileza de mostrar-me jornais brasileiros onde se nota completo desconhecimento do espírito político do positivismo, embora com a mais perfeita sinceridade e sob o impulso de sentimentos verdadeiramente progressistas, aos quais muito me apraz render justiça. Os erros, quase inevitáveis, cometidos a esse propósito, resultam de não se separarem suficientemente as concepções fundamentais de Augusto Comte das aplicações, mais ou menos precisas e passageiras, que delas fez aos acontecimentos de seu tempo. O erro procede também de se dar a algumas expressões de A. Comte o sentido corrente e vulgar, enquanto ele próprio lhes atribuiu um sentido filosófico análogo, embora diverso sob muitos aspectos. Deve-se reconhecer também que o público tem sido enganado pelos exageros de algumas pessoas que, arrogando-se o título de positivistas, e crendo mesmo sê-lo, não tiram de A. Comte senão algumas fórmulas ou algumas aplicações que repetem indefinidamente e pode mesmo dizer-se, quase maquinalmente. É esta uma tarefa muito fácil e que devia tentar aqueles que, a uma grande vaidade, juntam uma capacidade muito pequena. Mas Augusto Comte não haveria de querer instituir uma doutrina para homens sem cérebro e não poderia crer que nos pudesse dispensar para sempre de toda reflexão pessoal. Se o tivesse querido, o que não se deu, ter-lhe-ia sido impossível impor a sua vontade a esse respeito. Aplicam-se estas reflexões sobretudo aos abusos que vários positivistas têm feito da palavra **ditadura** de que tanto se tem falado, empregando-a até contra o próprio positivismo.

A. Comte, com efeito, proclama freqüentemente a necessidade do regime ditatorial; mas, que entende ele por esse regime? É preciso reconhecer que suas vistas talvez careçam de precisão. Mas, as aplicações que delas fez e a concepção que sempre estabeleceu da **necessidade, na ditadura, da completa liberdade de discussão e de exposição, e da fiscalização de uma assembléia financeira eleita, que pode recusar o Orçamento** permitem melhor precisar a teoria de Comte e desprendê-la do caráter por demais absoluto que lhe tem sido atribuído.

Além do mais, graças à luta que, desde 1870, sustentamos em França para o estabelecimento de um república ao mesmo tempo orgânica e progressista, adquirimos uma experiência de que não dispunha A. Comte; e, enfim, sem quebra do respeito que devemos ao grande gênio do Mestre, essa experiência pôde conduzir-nos a observações históricas que lhe faltaram.

Em primeiro lugar, Augusto Comte não atribue de modo algum à palavra **ditadura** o sentido de poder pessoal absoluto que lhe querem conferir, porquanto chama à Luís XVIII o **melhor dos ditadores surgidos em Franca desde Danton**, e a Luís Felipe o **mais imperfeito**. Por conseguinte, a palavra **ditadura** designa, a seu ver, a preponderância do Governo sobre as Assembléias, preponderância que se caracteriza sobretudo pela iniciativa; e em segundo lugar, pela concentração, numa única

pessoa, dèssa ação diretora governamental. De certo pode-se discutir sobre estas idéias e combatê-las, mas apresentam alguma coisa de que se possam assustar os partidários sinceros de uma liberdade real? Ademais, um pensamento característico vai esclarecer o meu pensamento.

A Inglaterra realizou esse regime, desde Roberto Walpole até os nossos dias, e foi por isto que o parlamentarismo pôde fazer na Inglaterra coisas tão grandes e colocou tão alto esse grande país. No fundo a Inglaterra foi durante esse período governada por uma série de ditadores, porquanto o Parlamento sofria sempre a direção do primeiro ministro e a recebe ainda até que o ditador provisório não se encontre mais de acordo com a opinião pública. Roberto Walpole governou, creio, a Inglaterra, durante 21 anos; William Pitt presidiu também durante um grande número de anos a seus destinos; mas nunca passou pela cabeça dos sábios homens de Estado da Inglaterra quererem dispensar-se da orientação política de um chefe único e confiar a direção dos negócios a uma assembléia sem responsabilidade, cuja incoerência não pode cessar senão pela subordinação a um ministério firme e dirigido por um chefe. Tal a verdadeira concepção da ditadura. Pode-se discutir, sem dúvida alguma, sobre a parte proporcional da Câmara e do governo, e quanto a mim, sou daqueles que pensam que se deva atribuir uma parte muito grande ao governo; mas que há nisso de apavorante e opressivo?

Se me é permitido citar-me, é esta concepção que tenho procurado aplicar em minha intervenção filosófica nos negócios de meu país. Foi por isto que constantemente apoiei a preponderância de Gambetta, e depois de sua morte, a do Sr. Jules Ferry; não que eu aprovasse todos os seus atos, mas porque me pareciam os mais adequados aos interesses do país e os mais capazes de dirigir os destinos da França. Admitia, aliás, perfeitamente, que podia enganar-me, jamais tendo acreditado em minha infalibilidade. Não aceito o ridículo infável de transformar-me num Gregório VII *in partibus* excomungando os povos e os reis. É preciso deixar isso às pessoas que não tendo bastante talento para ser jornalistas, querem, entretanto, ter dele o mais atraente privilégio: o de opinar definitivamente sobre todas as questões, principalmente sobre as que não conhecem.

Aliás, Senhor, vós e os vossos colegas não fizeram, no fundo, senão aplicar esta maneira sábia e razoável de conceber a ditadura e permiti-me apresentar-vos por este motivo todos os meus cumprimentos. Tomastes a iniciativa, correndo riscos e perigos, do estabelecimento, no Brasil, de uma república oportuna; e digo perigos, porque se poupastes os monarquistas, eles certamente não vos teriam poupado. Conhecemos as tradições deles por uma experiência duramente adquirida. Tão grande e nobre iniciativa conferia-vos, pois, legitimamente, a missão de dirigir tal situação até o momento em que considerásseis oportuno deixar de fazê-lo pelo advento de uma constituinte. Mas, ainda aí, combinastes a iniciativa, que vos cabe,

com a liberdade. Assumistes, com vossos companheiros, toda a responsabilidade governamental, deixando a imprensa convenientemente livre.

**O governo da república brasileira determinou para uma época verdadeiramente razoável a reunião de uma Assembléa Constituinte.** Para um país tão extenso quanto o Brasil e na sua situação, um ano era certamente o mínimo indispensável a fim de garantir vossa obra. Tomais a iniciativa da nova Constituição e é um dever absoluto que compete ao governo provisório. Teria sido verdadeiramente estranho que os homens que tão corajosamente realizaram essa grande transformação, não tivessem a capacidade, e ao mesmo tempo, a firmeza de estabelecer as bases do sistema que deve consolidar a república brasileira. Não há senão os puros democratas franceses que nutram tais ingenuidades; mas eles começam a cair aqui em singular desprestígio. Realizastes, pois, no fundo, a ditadura, no sentido verdadeiramente sábio que se deve dar a esta palavra e da mesma maneira que a conceberam na Inglaterra. Todos os meus votos acompanham o governo da república brasileira num tal caminho.

Mas, evidentemente, tendes inimigos, e perigosos; são os mesmos que têm ameaçado a república francesa. No fundo é o partido teológico que será o ponto de apoio de todas as tentativas retrógradas. Não vos deixeis enganar pela palavra liberdade, com a qual os nossos bons democratas parisienses têm sido tão freqüentemente iludidos. Vosso dever é o de manter muito elevada a preponderância do poder civil. A liberdade não pode consistir em dar aos nossos adversários o poder de destruir-nos. O governo brasileiro saberá tomar, a este respeito, as medidas necessárias.

Mas, detenho-me aqui, pois sinto que me deixaria talvez levar a dogmatizar em excesso, e é um inconveniente que é necessário evitar quando nos dirigimos a homens políticos.

Transmiti, peço-vos, Senhor, ao governo da República brasileira a expressão dos meus melhores votos pela continuação de sua obra necessária, e permiti-me testemunhar-vos minha mais alta consideração.

**P. LAFFITTE**